



OBRA DE ARTE E PRODUÇÃO DE VERDADE

Matheus Neto Peixoto, Henrique Melo Alves do Amaral, Laila Lilargem Rocha,
Leonardo Pinto de Almeida

O presente trabalho tem por objetivo compreender a obra de arte enquanto um espaço onde a verdade emerge. Para tanto fizemos uso de análise bibliográfica do livro *A origem da obra de arte* de Martin Heidegger. O autor expõe um equívoco comum ao pensamento ocidental, a confusão entre Seres e Entes. O ente é a mera existência das coisas; já o ser é o que faz das coisas o que são, o horizonte de sentido em que os entes nascem, seu originário. A visão ocidental, baseada em sua metafísica greco-cristã define o ser como as coisas em suas constâncias. A partir da ideia de criação, todo ser é utensílio, matéria formada a partir de uma intencionalidade cuja essência é a funcionalidade. Disso, depreende-se uma noção estática do ser e de sua verdade que não o compreende mas o agride. Podemos exemplificar como entes as coisas da natureza (pedra, madeira), os utensílios (sapato, martelo) e mesmo as obras de arte em seu caráter coisal. Utensílio e obra são ambos também produtos humanos; Heidegger se questiona: o que faz, contudo, do utensílio um Ser-utensílio e da obra um Ser-obra? O utensílio enquanto Ser-utensílio consiste em sua serventia, na confiabilidade em sê-lo. É através da confiança no sapato que este torna-se habitual. Quanto mais o utensílio pode ser usado sem ser posto em questão mais ele se mantém fiel a sua essência de utensílio. Heidegger demonstra que a obra é o que revela a verdade das coisas; verdade enquanto um acontecer da verdade. O que a obra revela é o Sendo no que ele é e como ele é. O fazer arte conta uma mentira. Talha-se na pedra algo que não estava lá, inventa-se uma história que não existia, cria-se um mundo onde algo passa a existir. A arte não é representação, é espaço de criação; nela a verdade acontece, põe-se em obra. Uma verdade que contudo nunca alcançamos de fato. Em geral, confere-se às coisas uma verdade essencial. A obra de arte questiona essa noção. Ela mostra algo novo ainda não percebido, desvela algo. Mas, como na metáfora nietszcheana, em última instância não há rosto atrás dos véus, a verdade não existe. O desvelamento, porém, possibilita um novo olhar. A verdade é esse desvelamento (aletheia), é a disposição que as coisas passam a assumir. O originário dos entes não é sua essência, mas sim a realidade que habitam no mundo. A arte é o lugar onde a consciência pode encontrar esse originário. Nesse sentido, a arte funda o mundo.

Palavras-chave: Arte, Utensílio, Verdade.

Instituição de fomento: UFF